

Lenita Rimoli Esteves
Universidade de São Paulo
leries@uol.com.br

Francis Henrik Aubert
Universidade de São Paulo
fhaubert@hotmail.com

Anhanguera Educacional S.A.

Correspondência/Contato
Alameda Maria Tereza, 2000
Valinhos, São Paulo
CEP. 13.278-181
rc.ipade@unianhanguera.edu.br

Coordenação
Instituto de Pesquisas Aplicadas e
Desenvolvimento Educacional - IPADE

Artigo Original
Recebido em: 30/05/2008
Avaliado em: 26/07/2008

Publicação: 30 de setembro de 2008

“SHAKESPEARE IN THE BUSH” - HISTÓRIA E TRADUÇÃO

RESUMO

Este trabalho é uma proposta de tradução para um texto amplamente conhecido, escrito por uma antropóloga na década de 1960, que narra sua experiência junto à tribo dos Tiv, na África Ocidental. “Shakespeare in the bush”, de Laura Bohannan, é um “sucesso” entre educadores e pesquisadores, que o julgam muito útil como ilustração de diferenças culturais e de nossa incapacidade de realmente considerar outras formas de organização social e cultural. Pelo que sei, uma tradução do texto para o português ainda não foi publicada, e essa é a primeira razão para o trabalho. Uma segunda razão é a história do texto — quando e em que circunstâncias ele foi escrito — que revela na autora uma antropóloga que estava, de certa forma, à frente de seu tempo.

Palavras-Chave: tradução, Laura Bohannan, “Shakespeare no meio do mato”, diferenças culturais.

ABSTRACT

This paper proposes a translation for a widely known text, written by an anthropologist in the 60's and narrating her experience with the Tiv tribe, in West Africa. Laura Bohannan's "Shakespeare in the bush" is a "hit" among researchers and instructors, who deem it very useful as an illustration of cultural differences and of our incapacity to consider to a full extent other ways of social and cultural organization. As far as I know, a translation of the text into Portuguese has not yet been published, and this is the first reason for the paper. A second reason is the text's story — when and under what circumstances it was written — which reveals in the author an anthropologist who was, in a certain way, ahead of her time.

Keywords: translation, Laura Bohannan, “Shakespeare in the Bush”, cultural differences

1. INTRODUÇÃO

A narrativa "Shakespeare in the bush", da antropóloga americana Laura Bohannan, é um texto bastante difundido e estimado por educadores nas áreas de leitura, interpretação, tradução, literatura e outras disciplinas – talvez a maioria das disciplinas de Humanidades – que, de um modo ou de outro, lidam com a questão da alteridade. Numa narrativa leve e ágil, a antropóloga nos conta de sua experiência ao tentar relatar o drama de Hamlet para uma tribo da África Ocidental.

Toda a delícia da história está no fato de pessoas de contextos tão diferentes, apesar de não se entenderem perfeitamente, suporem que "as pessoas no mundo são iguais", e que, apesar de diferenças pontuais, as grandes questões são sempre as mesmas para a humanidade. No entanto, essa concordância nasce de uma cegueira, de uma incapacidade de ver o outro como outro. Quando o chefe nativo não concorda com a narrativa da antropóloga, por exemplo, ele diz a ela que vá se informar melhor, porque ela não aprendeu direito a lição.

Questões que nos parecem óbvias, por exemplo, a indignação do jovem Hamlet diante do precipitado casamento de sua mãe com o cunhado, não são óbvias para a tribo. Para eles, o caminho mais natural seria a viúva se casar com o irmão do falecido, e o mais depressa possível, caso contrário ela não teria quem cuidasse de suas plantações.

Também há problemas conceituais: quando a antropóloga conta que o pai morto de Hamlet rondava o castelo, os nativos a interrompem dizendo que os mortos não podem andar nem falar. Quando ela diz que ele era um espectro, a coisa se complica; os nativos não concebem a idéia de espectro, e dizem que com certeza ali se tratava de um presságio enviado por uma bruxa. Enfim, a história é inegavelmente deliciosa, e é uma ótima maneira de ensinar a alunos de Ciências Humanas (que tenham um mínimo conhecimento de Hamlet) sobre diferenças culturais e os limites da comunicabilidade.

Depois de utilizar muitas vezes o texto em inglês, e deixar de utilizá-lo quando a classe não era proficiente nessa língua, tivemos a idéia de traduzir o texto. Cada um de nós fez a sua tradução, e decidimos negociá-las, no sentido dado por Venuti (2004) a esse termo, para chegarmos, afinal, a uma tradução, que apresentamos neste trabalho. A idéia principal é disponibilizar o texto em português, para que possa ser utilizado mais amplamente ainda do que já é. Contudo, ao longo do trabalho de tradu-

ção, com a inevitável leitura mais detalhada que essa tarefa exige, foram surgindo algumas interrogações que nos proporcionaram, na tentativa de saná-las, o acesso a uma visão mais ampla do contexto em que a história foi escrita e divulgada, e também da autora.

2. AFINAL, COMO SHAKESPEARE FOI PARAR NO MEIO DO MATO

Antes então de apresentar nossa proposta de tradução para “Shakespeare in the bush”, tecemos algumas considerações e apresentamos algumas informações que pudemos colher de várias fontes sobre a composição desse texto.

Depois de várias leituras, uma pergunta se colocou entre nós, tradutores, a respeito dos pressupostos da antropóloga. No início da narrativa, ela fala de uma suposição sua: a de que “Shakespeare é o mesmo em todo o mundo”. É certo que Bohannan diz isso em resposta a um inglês que havia dito que os americanos jamais entenderiam Shakespeare plenamente, e a autora havia argumentado dizendo que “pelo menos o enredo geral e a motivação das grandes tragédias seriam sempre evidentes – em qualquer lugar”. Contudo, vinda de uma antropóloga, num texto publicado nos anos 1960, a afirmação soa ingênua demais. Então, não são os antropólogos que sabem mais do que ninguém da necessidade de considerar um relativismo cultural? Não são esses profissionais que sabem, por experiência de campo própria, que os horizontes de nossa cultura são muito mais reduzidos do que julgamos, e que verdades por nós consideradas universais são sempre contingentes e localizadas? Então, como ela poderia dizer que alguma coisa em Shakespeare – nem que fosse apenas o “enredo geral e a motivação” – seria sempre evidente e “a mesma”?

Uma resposta – bastante desabonadora para a antropóloga – é a de que, naquele momento informal, quando ela disse “em qualquer lugar”, ela estava querendo dizer “em qualquer lugar de nossa cultura ocidental, fruto de uma longa dominação européia”. Será mesmo? Será que uma profissional que realizou vários trabalhos sobre os Tiv, tribo da Nigéria, seria capaz de um deslize desses, esquecendo-se momentaneamente de que existem outros tipos de culturas muito diferentes?

Concedendo a ela o benefício da dúvida, poderíamos pensar que esse texto não é um texto antropológico no sentido estrito da palavra. Poderia ser um texto de divulgação científica, feito para que leigos tivessem uma idéia da dimensão das diferenças entre duas culturas distantes e não relacionadas. Contudo, quando vamos procurar

referências sobre a publicação do texto, obtemos sempre a mesma informação. Na Internet, onde o texto circula e tem uma ocorrência bastante expressiva, ficamos sabendo que ele foi reproduzido na rede a partir da publicação na revista *Natural History*. Ao buscarmos a revista, encontramos que esse texto foi publicado em 1966 (e agora está disponível *online* em uma seção que se chama *Pick from the Past*, algo como um “momento nostálgico” trazido pela revista, e que mostra, de certa forma, que o texto ainda mantém seus atrativos). Além disso, o texto foi reimpresso pelo menos mais uma vez em 1971, no livro *Conformity and Conflict: Readings in Cultural Anthropology*, organizado por Spradley e McCurdy. Mas vale a pena mergulhar um pouco mais fundo na história desse texto, que se mistura com a interessante trajetória profissional de Bohannan.

No site *Shaksper – the global electronic Shakespeare Conference* (www.shaksper.net), encontramos estas informações: o colaborador Robin Hamilton¹, não sem antes dizer que é a última vez que se pronuncia sobre o assunto, começa a explicar que Bohannan foi uma americana que, juntamente com o marido (voltaremos a esse detalhe a seguir) Paul Bohannan, havia realizado estudos antropológicos junto aos *Tiv* entre 1949 e 1953. Desse trabalho, continua Hamilton, resultou um estudo em co-autoria, publicado em 1953, intitulado *The Tiv of Central Nigeria*. Além desse, o casal publicou apenas mais um estudo, intitulado *Tiv Economy*, e datado de 1968. Laura Bohannan, ao contrário de seu marido, não parece ter publicado muitos outros trabalhos “científicos”, seja sobre os *Tiv* ou sobre qualquer outro assunto.

No entanto, de certa maneira, ficou muito mais conhecida que Paul, justamente por causa de *Shakespeare in the bush*. A revista *Natural History*, embora Hamilton a classifique como “an eminently respectable academic journal”, é uma publicação – ao que tudo indica – dedicada ao público em geral, e aborda assuntos de Ciência e História Natural (semelhante, por exemplo, à *National Geographic*). Então, do ponto de vista estritamente acadêmico, na primeira vez em que foi publicado, “*Shakespeare in the bush*” apareceu em uma revista de cunho mais popular.

Mas o mais curioso é que a primeira versão desse texto foi uma entrevista “semi-humorística” (nas palavras de Hamilton) que Bohannan concedera, por volta de 1955, à rádio BBC, em um programa na forma de documentário, de nome *The Third Program*. Quando esse programa foi gravado, seu título era *Miching Mallecho, That Means Witchcraft*, e nele Bohannan assumia a postura de uma cientista; entretanto, a entrevista tem um tom brincalhão. Bohannan cita os *Tiv*, e conta sua experiência de an-

tropóloga tentando narrar-lhes a história de Hamlet. O programa tem um efeito humorístico, e afasta-se do que seria considerado científico.

Outra revelação surpreendente feita por Hamilton é a de que antes da entrevista para a BBC, Bohannan havia publicado um “romance antropológico” sob um pseudônimo (Elenore Smith Bowen), em 1955. Ao que tudo indica e como sugere Hamilton, Bohannan valeu-se do pseudônimo porque o gênero “romance antropológico” não seria bem aceito no meio acadêmico. *Return to Laughter* (assim se chamava o romance) narra a sua experiência como antropóloga em meio a uma tribo africana, que ela não nomeia. No prefácio à segunda edição do livro, lançada em 1964, Elenore Smith Bowen revela ser, na verdade, Laura Bohannan, que assume o caráter fictício de tudo o que é narrado ali, embora de forma não tão convincente.

Nota da Autora

TODOS OS PERSONAGENS deste livro, à exceção de mim mesma, são fictícios no sentido mais completo da palavra. Conheci pessoas do tipo descrito aqui; os incidentes do livro são de um gênero que eu mesma vivi na África. Entretanto, isso tudo é ficção. Sou uma antropóloga. A tribo que descrevi aqui existe. Este livro é a história do modo como realizei meu trabalho de campo entre eles. O contexto etnográfico oferecido aqui é preciso, mas não é nem completo nem técnico. Aqui, escrevi simplesmente como um ser humano, e a verdade que tentei contar diz respeito à mudança radical pela qual uma pessoa passa quando mergulha em uma cultura diferente e selvagem².

Laura Bohannan

Em outras palavras, a narrativa é fictícia, mas tem um “fundo de verdade”, e Bowen é Bohannan, embora não seja possível saber, apenas pela leitura desse livro, se a autora está falando dos Tiv. Bohannan parece indecisa entre sua postura de “antropóloga” e uma posição simplesmente de “ser humano”, que lhe parece ser mais confortável. Se, num primeiro momento, a antropóloga se escondeu atrás de um pseudônimo para narrar um romance antropológico, num segundo momento ela se revela, mas nega – pelo menos em parte – o caráter científico do texto.

3. SHAKESPEARE TRADUZIDO NO MEIO DO MATO

Essa confusa rede de textos e identidades pode sugerir muita coisa. Mas o que parece ganhar evidência é o fato de que Bohannan preferia se afastar de uma antropologia or-

¹ As informações a seguir foram retiradas do site www.shaksper.net, mais precisamente do link <http://www.shaksper.net/archives/2002/1963.html>, de uma entrada datada de 2002.

² Author's Note

ALL THE CHARACTERS in this book, except myself, are fictitious in the fullest meaning of that word. I knew people of the type I have described here; the incidents of the book are of the genre I myself experienced in Africa. Nevertheless, so much is fiction. I am an anthropologist. The tribe I have described here does exist. This book is the story of the way I did field work among them. The ethnographic background given here is accurate, but it is neither complete nor

todoxa. Nem o fato de ter estado entre os *Tiv* juntamente com o marido (um dado antropológico não desprezível, já que Paul também era um "cientista entre nativos") é mencionado em *Shakespeare in the bush*, e a omissão desse "detalhe" acrescenta mais sabor à história da antropóloga que se viu forçada a decidir entre "entrar na festa ou me isolar em minha cabana com meus livros", como declara no texto que aqui traduzimos.

Hamilton nos leva nessa mesma direção – da preferência de Bohannan pela narrativa, em detrimento do texto "estritamente científico" – quando diz:

Return to Laughter [o romance antropológico] deixa de ser, na década de 1950, algo que um antropólogo "respeitável" não ousaria admitir, para tornar-se hoje um dos textos clássicos geralmente usados para documentar uma importante mudança na autodefinição da antropologia... e "Miching Mallecho" [texto que deu origem a "Shakespeare in the bush"] começa sua jornada na direção do status de texto canônico nos cursos de Estudos Críticos e Culturais...

Em vez de pensar em Bohannan como uma antropóloga ingênua ou confusa, talvez seja mais adequado enxergá-la como uma estudiosa que não estava muito satisfeita com o modo de fazer ciência em sua época e que, à sua maneira, fez seu protesto. O resultado é um texto que beira a ficção, mas tem "um fundo de verdade" e ajuda-nos a entender as diferenças entre culturas distantes. Diferenças que acabam por desafiar também os tradutores, a começar pelo tom do título a traduzir: "Shakespeare in the bush", Shakespeare na floresta, em plena selva, nos arbustos, ou no meio do mato. Embora não se possa negar, como afirma Venuti (2004), que a comunicação seja a primeira função buscada numa tradução, a verdade é que o tradutor precisa negociar tanto as diferenças lingüísticas quanto as culturais.

Enfim, o próprio fato de escolhermos um texto que tem servido de (pre)texto para discutir as diferenças culturais – insinuando que elas já se mostrariam na diferença de leituras entre um americano e um inglês – e, de certa forma, expondo uma "ingenuidade" no mínimo criticável da autora antropóloga, coloca em jogo nosso próprio trabalho de "nos darmos o trabalho" de traduzi-lo. Que leis de hospitalidade poderiam ser invocadas, como sugere Derrida (2000), no encontro de uma americana com os moradores de uma tribo africana? Essa tradução de Hamlet seria ou não "relevante"? Mas aí começa uma outra história, em que o trabalho do tradutor derridiano concentra-se no Mercador de Veneza, outra peça, outro Shakespeare... Esta história tem sua "relevância" determinada por outros contextos, e convidamos os leitores para compartilhá-la.

technical. Here I have written simply as a human being, and the truth I have tried to tell concerns the sea change in oneself that comes from immersion in another and savage culture.

Shakespeare no meio do mato

Laura Bohannan
Tradução de Lenita Rimoli Esteves e
Francis Henrik Aubert

Um pouco antes de partir de Oxford rumo à tribo dos Tiv, na África Ocidental, participei de uma conversa sobre a temporada em Stratford.

– Vocês americanos – disse um amigo – freqüentemente têm dificuldades com Shakespeare. Afinal de contas, ele era um poeta tipicamente inglês, e é fácil interpretar o universal de forma equivocada por uma falta de entendimento do que é particular.

Protestei que a natureza humana é praticamente a mesma em todo o mundo; pelo menos o enredo geral e a motivação das grandes tragédias seriam sempre evidentes – em qualquer lugar – embora alguns detalhes de costumes talvez precisassem ser explicados e dificuldades de tradução pudessem produzir outras pequenas mudanças. Para pôr fim a uma discussão que não conseguíamos concluir, meu amigo me deu um exemplar de *Hamlet* para que eu o estudasse quando estivesse na África, no meio do mato; ele esperava que a leitura elevasse minha mente, distanciando-a de seu ambiente primitivo, e que eu, por meio de prolongada meditação, atingisse a graça da interpretação correta.

Era minha segunda viagem de campo para aquela tribo africana, e eu me considerava pronta para morar em uma de suas partes mais remotas – uma área difícil de atravessar, mesmo a pé. Finalmente me acomodei na colina de um velho muito sábio, chefe de uma aldeia de cerca de 140 moradores, todos seus parentes próximos ou filhos e esposas desses parentes.

Shakespeare in the Bush

By Laura Bohannan

Just before I left Oxford for the Tiv in West Africa, conversation turned to the season at Stratford.

“You Americans,” said a friend, “often have difficulty with Shakespeare. He was, after all, a very English poet, and one can easily misinterpret the universal by misunderstanding the particular.”

I protested that human nature is pretty much the same the whole world over; at least the general plot and motivation of the greater tragedies would always be clear—everywhere—although some details of custom might have to be explained and difficulties of translation might produce other slight changes. To end an argument we could not conclude, my friend gave me a copy of *Hamlet* to study in the African bush: it would, he hoped, lift my mind above its primitive surroundings, and possibly I might, by prolonged meditation, achieve the grace of correct interpretation.

It was my second field trip to that African tribe, and I thought myself ready to live in one of its remote sections—an area difficult to cross even on foot. I eventually settled on the hillock of a very knowledgeable old man, the head of a homestead of some hundred and forty people, all of whom were either his close relatives or their wives and children. Like the

Como os outros anciãos da redondeza, o velho passava a maior parte de seu tempo realizando cerimônias que na época eram raramente vistas nas regiões mais acessíveis da tribo. Eu estava deliciada. Logo haveria três meses de isolamento forçado e tempo livre, entre a colheita, que acontecia logo antes da cheia dos pântanos, e a formação de novas roças, quando a água baixava. Nesse período, pensava eu, eles teriam ainda mais tempo para realizar cerimônias e explicá-las para mim.

Eu estava muito enganada. A maioria das cerimônias exigia a presença de anciãos de várias aldeias. À medida que subiam as águas, os velhos encontravam dificuldade para caminhar de uma aldeia para outra, e as cerimônias foram cessando gradualmente. Quando as águas subiram ainda mais, todas as atividades foram interrompidas, exceto uma. As mulheres faziam cerveja a partir de milho e sorgo. Homens, mulheres e crianças ficavam sentados em suas colinas bebendo a cerveja.

As pessoas começavam a beber ao nascer do sol. Pelo meio da manhã, toda a aldeia estava cantando, dançando e tocando tambores; quando chovia, as pessoas tinham que ficar dentro de suas cabanas: ali bebiam e cantavam ou bebiam e contavam histórias. De qualquer forma, por volta de meio-dia ou até antes, eu tinha ou de entrar na festa ou me isolar em minha cabana com meus livros.

— Não é possível discutir assuntos sérios quando tem cerveja. Venha, beba conosco.

Como eu não tinha a capacidade deles para beber aquela espessa cerveja nativa, eu passava cada vez mais tempo com *Hamlet*. Antes do final do segundo mês, fui atingida pela graça. Eu tinha certeza de que *Hamlet* tinha a-

other elders of the vicinity, the old man spent most of his time performing ceremonies seldom seen these days in the more accessible parts of the tribe. I was delighted. Soon there would be three months of enforced isolation and leisure, between the harvest that takes place just before the rising of the swamps and the clearing of new farms when the water goes down. Then, I thought, they would have even more time to perform ceremonies and explain them to me.

I was quite mistaken. Most of the ceremonies demanded the presence of elders from several homesteads. As the swamps rose, the old men found it too difficult to walk from one homestead to the next, and the ceremonies gradually ceased. As the swamps rose even higher, all activities but one came to an end. The women brewed beer from maize and millet. Men, women, and children sat on their hillsides and drank it.

People began to drink at dawn. By mid-morning the whole homestead was singing, dancing, and drumming. When it rained, people had to sit inside their huts: there they drank and sang or they drank and told stories. In any case, by noon or before, I either had to join the party or retire to my own hut and my books.

"One does not discuss serious matters when there is beer. Come, drink with us."

Since I lacked their capacity for the thick native beer, I spent more and more time with *Hamlet*. Before the end of the second month, grace descended on me. I was quite sure that *Hamlet* had only one possible interpretation,

penas uma interpretação possível, e essa interpretação era universalmente óbvia.

Todo dia de manhã bem cedo, na esperança de travar alguma conversa séria antes da cervejada, eu costumava visitar o velho em sua cabana de visitas – um círculo de estacas sustentando um telhado de sapé sobre um muro de barro baixo que servia como proteção contra o vento e a chuva. Um dia atravessei a entrada baixa meio agachada e encontrei a maioria dos homens da aldeia agasalhados em seus trapos e sentados em bancos, troncos de árvore e espreguiçadeiras, aquecendo-se contra o frio da chuva ao redor de uma fogueira fumarenta. No centro havia três potes de cerveja. A festa havia começado.

O velho me cumprimentou cordialmente. – Sente-se e beba. Eu aceitei uma cabaça grande cheia de cerveja, despejei um pouco numa pequena cuia, e tomei numa talagada. Em seguida despejei mais um pouco na mesma cuia para o homem que só não era mais velho que meu anfitrião, antes de entregar a cabaça a um jovem para que os outros se servissem. Pessoas importantes não deveriam elas mesmas servir cerveja.

– Melhor assim – disse o velho, olhando-me com aprovação e retirando a palha que estava presa ao meu cabelo. – Você deveria sentar e beber conosco mais vezes. Seus empregados me dizem que, quando você não está conosco, fica sentada em sua cabana olhando para um papel.

O velho conhecia quatro tipos de “papéis”: recibos de impostos, recibos de pagamentos de noivas, recibos de custas judiciais e cartas. O mensageiro que lhe trazia as cartas do chefe usava-as apenas como um emblema de

and that one universally obvious.

Early every morning, in the hope of having some serious talk before the beer party, I used to call on the old man at his reception hut—a circle of posts supporting a thatched roof above a low mud wall to keep out wind and rain. One day I crawled through the low doorway and found most of the men of the homestead sitting huddled in their ragged cloths on stools, low plank beds, and reclining chairs, warming themselves against the chill of the rain around a smoky fire. In the center were three pots of beer. The party had started.

The old man greeted me cordially. “Sit down and drink.” I accepted a large calabash full of beer, poured some into a small drinking gourd, and tossed it down. Then I poured some more into the same gourd for the man second in seniority to my host before I handed my calabash over to a young man for further distribution. Important people shouldn’t ladle beer themselves.

“It is better like this,” the old man said, looking at me approvingly and plucking at the thatch that had caught in my hair. “You should sit and drink with us more often. Your servants tell me that when you are not with us, you sit inside your hut looking at a paper.”

The old man was acquainted with four kinds of “papers”: tax receipts, bride price receipts, court fee receipts, and letters. The messenger who brought him letters from the chief used them mainly as a badge of office, for he

seu cargo, porque ele sempre sabia o conteúdo delas e o relatava ao velho. Cartas pessoais para os poucos que tinham parentes no governo ou nos postos das missões eram guardadas até que alguém fosse a um mercado grande onde havia um escritor e leitor de cartas. Desde minha chegada, as cartas eram trazidas para que eu as lesse. Alguns homens também me traziam recibos de pagamento de noivas, em particular, com pedidos para que eu alterasse os valores para uma quantia mais alta. Eu constatei que de nada valiam argumentos morais, já que os parentes por afinidade não eram levados a sério, e era difícil explicar para pessoas analfabetas os riscos técnicos da falsificação. Eu não queria que eles achassem que eu era tola o suficiente para examinar um daqueles papéis infundavelmente, e logo expliquei que o meu "papel" tinha a ver com "coisas muito antigas" da minha terra.

– Ah – disse o velho – conte para nós.

Protestei dizendo que não era contadora de histórias. Contar histórias era uma arte refinada entre eles; seus padrões eram altos e a platéia era crítica – e verbalizava suas críticas. Protestei em vão. Naquela manhã eles queriam ouvir uma história enquanto bebiam. Eles ameaçaram não me contar mais suas histórias até que eu lhes contasse uma das minhas. Por fim, o velho prometeu que ninguém criticaria meu estilo, pois todos sabiam que eu estava "lutando com a língua deles".

– Mas – acrescentou um dos anciãos – você precisa explicar o que nós não entendermos, como fazemos quando contamos nossas histórias.

Percebendo que ali estava uma oportunidade de mostrar que *Hamlet* era universalmente

always knew what was in them and told the old man. Personal letters for the few who had relatives in the government or mission stations were kept until someone went to a large market where there was a letter writer and reader. Since my arrival, letters were brought to me to be read. A few men also brought me bride price receipts, privately, with requests to change the figures to a higher sum. I found moral arguments were of no avail, since in-laws are fair game, and the technical hazards of forgery difficult to explain to an illiterate people. I did not wish them to think me silly enough to look at any such papers for days on end, and I hastily explained that my "paper" was one of the "things of long ago" of my country.

"Ah," said the old man. "Tell us."

I protested that I was not a storyteller. Storytelling is a skilled art among them; their standards are high, and the audiences critical—and vocal in their criticism. I protested in vain. This morning they wanted to hear a story while they drank. They threatened to tell me no more stories until I told them one of mine. Finally, the old man promised that no one would criticize my style, "for we know you are struggling with our language."

"But," put in one of the elders, "you must explain what we do not understand, as we do when we tell you our stories."

Realizing that here was my chance to prove *Hamlet* universally intelligible, I agreed.

inteligível, eu concordei.

O velho me deu mais cerveja para me ajudar a começar a história. Os homens encheram seus longos cachimbos de madeira e pegaram brasas da fogueira para colocar nos fornilhos; depois, baforando satisfeitos, acomodaram-se em seus assentos para escutar. Comecei no estilo adequado.

– Não ontem, não ontem, mas muito tempo atrás, aconteceu uma coisa. Certa noite, três homens estavam montando guarda fora da aldeia do grande chefe, quando de repente viram o antigo chefe se aproximando deles.

– Por que ele não era mais o chefe?

– Ele estava morto – expliquei – é por isso que eles ficaram perturbados e amedrontados quando o viram.

– Impossível – começou um dos anciãos, passando o cachimbo para seu vizinho, que interrompeu:

– Claro que não era o chefe morto. Era um presságio enviado por uma bruxa. Continue.

Ligeiramente abalada, continuei:

– Um desses três era um homem que sabia coisas – a tradução mais próxima que encontrei para “erudito”, mas infelizmente isso também significava “bruxo”. O segundo ancião olhou triunfante para o primeiro.

– Então ele se dirigiu ao chefe morto dizendo, “Diga o que devemos fazer para que volte ao seu túmulo”, mas o chefe morto não respondeu. Ele sumiu, eles não o viram mais. Então, o homem que sabia coisas (seu nome era Horácio) disse que o acontecido era assunto do filho do chefe morto, Hamlet.

Em todo o círculo, cabeças se agitando demonstraram a indignação da platéia.

The old man handed me some more beer to help me on with my storytelling. Men filled their long wooden pipes and knocked coals from the fire to place in the pipe bowls; then, puffing contentedly, they sat back to listen. I began in the proper style.

“Not yesterday, not yesterday, but long ago, a thing occurred. One night three men were keeping watch outside the homestead of the great chief, when suddenly they saw the former chief approach them.”

“Why was he no longer their chief?”

“He was dead,” I explained. “That is why they were troubled and afraid when they saw him.”

“Impossible,” began one of the elders, handing his pipe on to his neighbor, who interrupted:

“Of course it wasn’t the dead chief. It was an omen sent by a witch. Go on.”

Slightly shaken, I continued:

“One of these three was a man who knew things” – the closest translation for scholar, but unfortunately it also meant witch. The second elder looked triumphantly at the first.

“So he spoke to the dead chief saying, ‘Tell us what we must do so you may rest in your grave,’ but the dead chief did not answer. He vanished, and they could see him no more. Then the man who knew things – his name was Horatio – said this event was the affair of the dead chief’s son, Hamlet.”

There was a general shaking of heads round the circle.

—O chefe morto não tinha irmãos vivos?
Ou o filho dele era o chefe?

—Não — respondi — quer dizer, ele tinha um irmão vivo que se tornou chefe quando o irmão mais velho morreu.

Os anciãos resmungaram: esses presságios eram assunto de chefes e anciãos, não de jovens; não era boa coisa agir pelas costas do chefe; com certeza Horácio não era um homem que sabia coisas.

— Era sim — insisti, espantando uma galinha que rondava minha cerveja. — Em nossa terra, o filho substitui o pai. O irmão mais novo do chefe morto tinha se tornado o grande chefe. Ele também tinha se casado com a viúva do irmão mais velho apenas um mês após o funeral.

— Fez bem! — o velho sorriu e anunciou aos outros. — Eu disse a vocês que se soubéssemos mais sobre os europeus, acabaríamos achando que eles são bem parecidos conosco. Também em nossa terra — acrescentou ele dirigindo-se a mim — o irmão mais novo se casa com a viúva do irmão mais velho e se torna pai de seus filhos. Agora, se seu tio, que se casou com sua mãe viúva, é plenamente irmão de seu pai, então ele será um verdadeiro pai para você. O pai e o tio de Hamlet tinham a mesma mãe?

A pergunta dele mal penetrou minha mente; eu estava perturbada e desconcertada demais porque um dos elementos mais importantes de *Hamlet* havia sido eliminado da cena. Titubeando, eu disse que achava que eles tinham a mesma mãe, mas não tinha certeza — a história não dizia. O velho me disse com gravidade que esses detalhes genealógicos faziam toda a diferença e que quando eu chegasse em casa deveria perguntar aos anciãos sobre isso. Ele gritou na direção da porta para que uma de

"Had the dead chief no living brothers?
Or was this son the chief?"

"No," I replied. "That is, he had one living brother who became the chief when the elder brother died."

The old men muttered: such omens were matters for chiefs and elders, not for youngsters; no good could come of going behind a chief's back; clearly Horatio was not a man who knew things.

"Yes, he was," I insisted, shooing a chicken away from my beer. "In our country the son is next to the father. The dead chief's younger brother had become the great chief. He had also married his elder brother's widow only about a month after the funeral."

"He did well," the old man beamed and announced to the others, "I told you that if we knew more about Europeans, we would find they really were very like us. In our country also," he added to me, "the younger brother marries the elder brother's widow and becomes the father of his children. Now, if your uncle, who married your widowed mother, is your father's full brother, then he will be a real father to you. Did Hamlet's father and uncle have one mother?"

His question barely penetrated my mind; I was too upset and thrown too far off-balance by having one of the most important elements of *Hamlet* knocked straight out of the picture. Rather uncertainly I said that I thought they had the same mother, but I wasn't sure—the story didn't say. The old man told me severely that these genealogical details made all the difference and that when I got home I must ask the elders about it. He shouted out the door to one of his younger wives to bring his goatskin bag.

suas esposas mais jovens lhe trouxesse sua bolsa de pele de cabra.

Determinada a salvar o que pudesse do tema da mãe, respirei fundo e comecei de novo.

– O filho Hamlet estava muito triste porque sua mãe havia se casado de novo depressa demais. Ela não precisava fazer isso, e pelo nosso costume uma viúva não se casa de novo até ter guardado dois anos de luto.

– Dois anos é tempo demais – objetou a esposa, que tinha aparecido com a surrada bolsa de pele de cabra do velho. – Quem vai capinar as roças para você enquanto você não tem marido?

– Hamlet – retorqui sem pensar – era adulto o suficiente para capinar as roças da mãe ele mesmo. Ela não precisava casar de novo.

Ninguém parecia convencido. Eu desisti.

– Sua mãe e o grande chefe disseram a Hamlet que não ficasse triste, porque o próprio grande chefe seria o pai de Hamlet. Além disso, Hamlet seria o próximo chefe; portanto, ele deveria ficar para aprender as coisas de um chefe. Hamlet concordou em ficar, e todas outras pessoas saíram para tomar cerveja.

Enquanto eu fazia uma pausa e pensava perplexa em como transmitir o entediado soliloquio de Hamlet para uma platéia convencida de que Cláudio e Gertrudes tinham se comportado da melhor maneira possível, um dos homens mais jovens me perguntou quem se casara com as outras esposas do chefe morto.

– Ele não tinha outras esposas – disse-lhe eu.

– Mas um chefe precisa ter muitas esposas! Como então ele pode fazer cerveja e preparar comida para todos os seus convidados?

Determined to save what I could of the mother motif, I took a deep breath and began again.

“The son Hamlet was very sad because his mother had married again so quickly. There was no need for her to do so, and it is our custom for a widow not to go to her next husband until she has mourned for two years.”

“Two years is too long,” objected the wife, who had appeared with the old man’s battered goatskin bag. “Who will hoe your farms for you while you have no husband?”

“Hamlet,” I retorted, without thinking, “was old enough to hoe his mother’s farms himself. There was no need for her to remarry.

” No one looked convinced. I gave up.

“His mother and the great chief told Hamlet not to be sad, for the great chief himself would be a father to Hamlet. Furthermore, Hamlet would be the next chief: therefore he must stay to learn the things of a chief. Hamlet agreed to remain, and all the rest went off to drink beer.”

While I paused, perplexed at how to render Hamlet’s disgusted soliloquy to an audience convinced that Claudius and Gertrude had behaved in the best possible manner, one of the younger men asked me who had married the other wives of the dead chief.

“He had no other wives,” I told him.

“But a chief must have many wives! How else can he brew beer and prepare food for all his guests?”

Eu disse com firmeza que em nossa terra até mesmo os chefes tinham apenas uma esposa, que eles tinham empregados para fazer o trabalho, e que lhes pagavam com dinheiro de impostos.

Seria melhor, responderam eles, que um chefe tivesse muitas esposas e filhos que o ajudassem a capinar suas roças e alimentar sua gente; então todos amariam o chefe que dava muito e não tomava nada – os impostos eram uma coisa ruim.

Concordei com o último comentário, mas quanto ao resto me vali do modo preferido deles de descartar minhas perguntas: – É assim que se faz; então é assim que nós fazemos.

Decidi pular o solilóquio. Mesmo se eles considerassem que Cláudio estava muito certo em se casar com a viúva do irmão, permanecia o tema do envenenamento, e eu sabia que eles desaprovavam o fratricídio. Com esperança renovada, retomei a história.

– Naquela noite Hamlet montou guarda com os três que tinham visto seu pai morto. O chefe morto reapareceu, e embora os outros estivessem com medo, Hamlet seguiu o pai morto até um canto. Quando ficaram sós, o pai morto de Hamlet falou.

– Presságios não falam! – o velho foi enfático.

– O pai morto de Hamlet não era um presságio. Vê-lo pode ter sido um presságio, mas ele não era.

Havia a mesma confusão no rosto da plateia e na minha voz. – Ele *era* o pai morto de Hamlet. Era o que chamamos de “espectro” –. Eu tive que usar uma palavra na minha língua porque, diferentemente das muitas tribos vizinhas, esse povo não acreditava que nenhuma

I said firmly that in our country even chiefs had only one wife, that they had servants to do their work, and that they paid them from tax money.

It was better, they returned, for a chief to have many wives and sons who would help him hoe his farms and feed his people; then everyone loved the chief who gave much and took nothing – taxes were a bad thing.

I agreed with the last comment, but for the rest fell back on their favorite way of fobbing off my questions: “That is the way it is done, so that is how we do it.”

I decided to skip the soliloquy. Even if Claudius was here thought quite right to marry his brother’s widow, there remained the poison motif, and I knew they would disapprove of fratricide. More hopefully I resumed.

“That night Hamlet kept watch with the three who had seen his dead father. The dead chief again appeared, and although the others were afraid, Hamlet followed his dead father off to one side. When they were alone, Hamlet’s dead father spoke.”

“Omens can’t talk!” The old man was emphatic.

“Hamlet’s dead father wasn’t an omen. Seeing him might have been an omen, but he was not.”

My audience looked as confused as I sounded. “It was Hamlet’s dead father. It was a thing we call a ‘ghost.’” I had to use the English word, for unlike many of the neighboring tribes, these people didn’t believe in the survival after death of any individuating part of

parte da personalidade individual pudesse viver além da morte.

– O que é um “espectro”? Um presságio?

– Não, um “espectro” é alguém que morreu mas anda por aí e pode falar, e pessoas podem ouvi-lo e vê-lo, mas não podem tocá-lo.

Eles objetaram:

– Os zumbis podem ser tocados.

– Não, não! Não era um corpo morto que as bruxas tinham animado para sacrificar e comer. Nenhuma outra pessoa fez o pai morto de Hamlet andar. Ele fez isso sozinho.

– Os mortos não andam – protestou minha platéia, em uníssono.

Eu estava disposta a transigir. – Um “espectro” é a sombra de um homem morto.

Mas eles objetaram mais uma vez. – Os mortos não têm sombra.

– Na minha terra eles têm – respondi seco.

O velho aplacou o rumor de descrença que imediatamente se instalou e me disse com aquele tom condescendente, insincero mas cortês, que as pessoas dispensam às fantasias dos jovens, dos ignorantes e dos supersticiosos:

– Sem dúvida, na sua terra os mortos também conseguem andar sem serem zumbis.

Das profundezas de sua bolsa ele tirou um fragmento murcho de noz de cola, mordeu uma ponta para me mostrar que não estava envenenada, e me entregou o resto como oferenda de paz.

– De qualquer forma – retomei – o pai morto de Hamlet disse que seu próprio irmão, que tinha se tornado chefe, o havia envenenado. Ele queria que Hamlet o vingasse. Hamlet acreditou piamente nisso, pois não gostava do ir-

the personality.

“What is a ‘ghost?’ An omen?”

“No, a ‘ghost’ is someone who is dead but who walks around and can talk, and people can hear him and see him but not touch him.”

They objected.

“One can touch zombis.”

“No, no! It was not a dead body the witches had animated to sacrifice and eat. No one else made Hamlet’s dead father walk. He did it himself.”

“Dead men can’t walk,” protested my audience as one man.

I was quite willing to compromise. “A ‘ghost’ is the dead man’s shadow.”

But again they objected. “Dead men cast no shadows.”

“They do in my country,” I snapped.

The old man quelled the babble of disbelief that arose immediately and told me with that insincere, but courteous, agreement one extends to the fancies of the young, ignorant, and superstitious:

“No doubt in your country the dead can also walk without being zombis.”

From the depths of his bag he produced a withered fragment of kola nut, bit off one end to show it wasn’t poisoned, and handed me the rest as a peace offering.

“Anyhow,” I resumed, “Hamlet’s dead father said that his own brother, the one who became chief, had poisoned him. He wanted Hamlet to avenge him. Hamlet believed this in his heart, for he did not like his father’s

mão do pai.

Tomei outro gole de cerveja.

— Na terra do grande chefe, vivendo na mesma aldeia, que era muito grande, havia um importante ancião que estava sempre ao lado do chefe para aconselhá-lo e ajudá-lo. Seu nome era Polônio. Hamlet estava namorando sua filha, mas o pai e o irmão dela [busquei apressadamente alguma analogia tribal] a advertiram a não deixar Hamlet visitá-la quando ela estivesse sozinha em suas roças, porque ele iria ser um grande chefe e portanto não poderia se casar com ela.

— Por que não? — perguntou a esposa, que tinha se acomodado na beirada da cadeira do velho.

Ele armou uma carranca por ela ter feito uma pergunta estúpida e resmungou: — Eles moravam na mesma aldeia.

— Não era esse o motivo — informei a eles. — Polônio era um estranho que vivia na aldeia porque ajudava o chefe, não porque era parente.

— Então por que Hamlet não podia se casar com ela?

— Ele poderia — expliquei — mas Polônio achava que ele não se casaria. Afinal de contas, Hamlet era um homem de grande importância que deveria se casar com a filha de um chefe, pois na terra dele um homem só podia ter uma esposa. Polônio tinha medo de que Hamlet fizesse amor com a filha dele e depois ninguém quereria pagar um alto preço por ela.

— Isso pode ser verdade — observou um dos anciãos mais sagazes — mas o filho de um chefe daria ao pai da amante muitos presentes e vantagens para compensar a perda. Polônio me parece um tolo.

brother.”

I took another swallow of beer.

“In the country of the great chief, living in the same homestead, for it was a very large one, was an important elder who was often with the chief to advise and help him. His name was Polonius. Hamlet was courting his daughter, but her father and her brother . . . [I cast hastily about for some tribal analogy] warned her not to let Hamlet visit her when she was alone on her farm, for he would be a great chief and so could not marry her.”

“Why not?” asked the wife, who had settled down on the edge of the old man’s chair.

He frowned at her for asking stupid questions and growled, “They lived in the same homestead.”

“That was not the reason,” I informed them. “Polonius was a stranger who lived in the homestead because he helped the chief, not because he was a relative.”

“Then why couldn’t Hamlet marry her?”

“He could have,” I explained, “but Polonius didn’t think he would. After all, Hamlet was a man of great importance who ought to marry a chief’s daughter, for in his country a man could have only one wife. Polonius was afraid that if Hamlet made love to his daughter, then no one else would give a high price for her.”

“That might be true,” remarked one of the shrewder elders, “but a chief’s son would give his mistress’s father enough presents and patronage to more than make up the difference. Polonius sounds like a fool to me.”

– Muitas pessoas pensam que ele era –
concordei.

– Enquanto isso, Polônio enviou seu filho Laertes para Paris para aprender coisas daquela terra, pois ali morava um chefe muito importante. Como ele tinha medo que Laertes gastasse muito dinheiro com cerveja, mulheres e jogo, ou que se metesse em brigas, ele mandou um de seus empregados secretamente a Paris, para que ele espionasse o que Laertes estava fazendo. Um dia Hamlet encontrou-se com a filha de Polônio, Ofélia. Ele se comportou de forma tão estranha que a amedrontou. Na verdade – procurava palavras que pudessem expressar a dubiedade da loucura de Hamlet – o chefe e muitos outros também haviam notado que quando Hamlet falava era possível entender as palavras, mas não o seu significado. Muitas pessoas pensavam que ele tinha enlouquecido.

De repente, minha platéia ficou muito mais atenta.

–O grande chefe queria saber o que havia de errado com Hamlet, e por isso enviou dois companheiros da idade de Hamlet [“colegas de escola” teria exigido uma longa explicação] para conversar com ele e descobrir o que perturbava seu coração. Hamlet, percebendo que eles haviam sido subornados pelo chefe para traí-lo, não lhes disse nada. Polônio, entretanto, insistia que Hamlet estava louco porque havia sido proibido de ver Ofélia, a quem ele amava.

– Por quê? – perguntou uma voz perplexa. – Alguém enfeitiçaria Hamlet por causa disso?

– Enfeitiçaria Hamlet?

– É, só um feitiço pode enlouquecer al-

“Many people think he was,” I agreed.

“Meanwhile Polonius sent his son Laertes off to Paris to learn the things of that country, for it was the homestead of a very great chief indeed. Because he was afraid that Laertes might waste a lot of money on beer and women and gambling, or get into trouble by fighting, he sent one of his servants to Paris secretly, to spy out what Laertes was doing. One day Hamlet came upon Polonius’s daughter Ophelia. He behaved so oddly he frightened her. Indeed” –I was fumbling for words to express the dubious quality of Hamlet’s madness–“the chief and many others had also noticed that when Hamlet talked one could understand the words but not what they meant. Many people thought that he had become mad.”

My audience suddenly became much more attentive.

“The great chief wanted to know what was wrong with Hamlet, so he sent for two of Hamlet’s age mates [school friends would have taken a long explanation] to talk to Hamlet and find out what troubled his heart. Hamlet, seeing that they had been bribed by the chief to betray him, told them nothing. Polonius, however, insisted that Hamlet was mad because he had been forbidden to see Ophelia, whom he loved.”

“Why,” inquired a bewildered voice, “should anyone bewitch Hamlet on that account?”

“Bewitch him?”

“Yes, only witchcraft can make anyone

guém. A não ser, é claro, que a pessoa veja os seres que espreitam na floresta.

Abandonei meu posto de contadora de histórias, peguei meu bloco de anotações e pedi que eles me contassem mais sobre aquelas duas causas de loucura. Enquanto eles falavam e eu tomava notas, eu tentava calcular o efeito desse novo fator no enredo. Hamlet não tinha sido exposto aos seres que espreitam na floresta. Apenas seus parentes da linhagem masculina poderiam enfeitiçá-lo. Exceto os parentes não mencionados por Shakespeare, tinha de ser Cláudio quem estava tentando fazer mal a ele. E, é claro, era ele mesmo.

Naquele momento, eu evitei perguntas dizendo que o grande chefe também se recusou a acreditar que Hamlet estava louco pelo amor de Ofélia e nada mais. — Ele tinha certeza de que algo muito mais importante perturbava o coração de Hamlet.

— Os companheiros de idade de Hamlet — continuei — tinham trazido consigo um grande contador de histórias. Hamlet decidiu pedir que esse homem contasse para o chefe e todas as pessoas de sua aldeia uma história sobre um homem que havia sido envenenado por seu irmão porque desejava a esposa dele e queria ser o chefe. Hamlet tinha certeza de que o grande chefe não conseguiria ouvir a história sem dar um sinal de que era realmente culpado, e então ele descobriria que seu pai morto lhe havia dito a verdade.

O velho interrompeu, com grande astúcia: — Por que um pai mentiria para o filho?

Eu me resguardei: — Hamlet não tinha certeza de que era realmente o pai dele.

Era impossível dizer alguma coisa, na-

mad, unless, of course, one sees the beings that lurk in the forest.”

I stopped being a storyteller and took out my notebook and demanded to be told more about these two causes of madness. Even while they spoke and I jotted notes, I tried to calculate the effect of this new factor on the plot. Hamlet had not been exposed to the beings that lurk in the forests. Only his relatives in the male line could bewitch him. Barring relatives not mentioned by Shakespeare, it had to be Claudius who was attempting to harm him. And, of course, it was.

For the moment I staved off questions by saying that the great chief also refused to believe that Hamlet was mad for the love of Ophelia and nothing else. “He was sure that something much more important was troubling Hamlet’s heart.”

“Now Hamlet’s age mates,” I continued, “had brought with them a famous storyteller. Hamlet decided to have this man tell the chief and all his homestead a story about a man who had poisoned his brother because he desired his brother’s wife and wished to be chief himself. Hamlet was sure the great chief could not hear the story without making a sign if he was indeed guilty, and then he would discover whether his dead father had told him the truth.”

The old man interrupted, with deep cunning, “Why should a father lie to his son?” he asked.

I hedged: “Hamlet wasn’t sure that it really was his dead father.”

It was impossible to say anything, in that

quela língua, sobre visões inspiradas pelo demônio.

– Você quer dizer – disse ele – que na verdade ele era um presságio, e que ele sabia que as bruxas algumas vezes mandam presságios falsos. Hamlet foi um tolo por não consultar logo de partida alguém experiente na leitura de presságios e adivinhação da verdade. Um homem-que-vê-a-verdade poderia ter dito a ele como o pai havia morrido, se ele realmente tinha sido envenenado, e se havia feitiço em tudo isso; depois, Hamlet poderia ter chamado os anciãos para resolverem a questão.

O ancião sagaz arriscou discordar. – Como o irmão do pai dele era um grande chefe, alguém-que-vê-a-verdade poderia ter medo de dizer a verdade. Acho que foi por causa disso que um amigo do pai de Hamlet – bruxo e ancião – enviou um presságio para que o amigo de seu filho ficasse sabendo. O presságio era verdadeiro?

– Era – disse eu, abandonando os espectros e o demônio; teria de ser mesmo um presságio enviado por um bruxo. – Ele era verdadeiro, pois quando o contador de histórias estava fazendo a narrativa diante de todo o grupo, o grande chefe levantou-se amedrontado. Com medo de que Hamlet soubesse de seu segredo, planejou matá-lo.

A próxima cena apresentava algumas dificuldades de tradução. Comecei com cuidado: – O grande chefe disse à mãe de Hamlet que arrancasse do filho o que ele sabia. Mas como, no coração de uma mãe, o filho sempre vem em primeiro lugar, ele mandou que o importante ancião Polônio se escondesse atrás de um pano que pendia da parede da cabana de dormir da mãe de Hamlet. Hamlet começou a repreender

language, about devil-inspired visions.

“You mean,” he said, “it actually was an omen, and he knew witches sometimes send false ones. Hamlet was a fool not to go to one skilled in reading omens and divining the truth in the first place. A man-who-sees-the-truth could have told him how his father died, if he really had been poisoned, and if there was witchcraft in it; then Hamlet could have called the elders to settle the matter.”

The shrewd elder ventured to disagree. “Because his father’s brother was a great chief, one-who-sees-the-truth might therefore have been afraid to tell it. I think it was for that reason that a friend of Hamlet’s father—a witch and an elder—sent an omen so his friend’s son would know. Was the omen true?”

“Yes,” I said, abandoning ghosts and the devil; a witch-sent omen it would have to be. “It was true, for when the storyteller was telling his tale before all the homestead, the great chief rose in fear. Afraid that Hamlet knew his secret he planned to have him killed.”

The stage set of the next bit presented some difficulties of translation. I began cautiously. “The great chief told Hamlet’s mother to find out from her son what he knew. But because a woman’s children are always first in her heart, he had the important elder Polonius hide behind a cloth that hung against the wall of Hamlet’s mother’s sleeping hut. Hamlet started to scold his mother for what she had done.”

sua mãe pelo que ela havia feito.

Todos se mostraram chocados. Um homem nunca deveria repreender sua mãe.

— Ela gritou amedrontada e Polônio se mexeu atrás do pano. Gritando “um rato!”, Hamlet pegou seu facão e golpeou o pano.

Fiz uma pausa para obter um efeito dramático: — Ele matou Polônio.

Os anciãos se entreolharam com ar de extrema desaprovação. — Esse Polônio era realmente um tolo e um homem que não sabia de nada! Que criança não gritaria, “Sou eu!”?

Aflita, lembrei que aquele povo era de entusiasmados caçadores, sempre com arco, flecha e facão em punho; ao mais leve farfalhar do capim, uma flecha já é colocada a postos, e o caçador grita “caça!”. Se nenhuma voz humana responde imediatamente, a flecha é disparada. Como um bom caçador, Hamlet gritara, “um rato!”.

Eu me apressei em salvar a reputação de Polônio. — Polônio falou. Hamlet o ouviu. Mas ele pensou que era o chefe e queria matá-lo para vingar o pai. Ele havia tentado matá-lo antes naquela noite...

Interrompi o que dizia, incapaz de descrever àqueles pagãos, que não acreditavam na vida após a morte, a diferença entre morrer durante as preces e morrer “sem óleos, confissão nem sacramentos”.

Dessa vez eu tinha chocado gravemente minha platéia. — Um homem erguer a mão contra o irmão de seu pai, que se tornou seu pai, isso é terrível. Os anciãos deveriam permitir que um homem assim fosse enfeitado.

Mordisquei minha noz de cola, um pouco perplexa, e depois observei que, afinal de con-

There was a shocked murmur from everyone. A man should never scold his mother.

“She called out in fear, and Polonius moved behind the cloth. Shouting, ‘A rat!’ Hamlet took his machete and slashed through the cloth.”

I paused for dramatic effect. “He had killed Polonius.”

The old men looked at each other in supreme disgust. “That Polonius truly was a fool and a man who knew nothing! What child would not know enough to shout, ‘It’s me!’

” With a pang, I remembered that these people are ardent hunters, always armed with bow, arrow, and machete; at the first rustle in the grass an arrow is aimed and ready, and the hunter shouts “Game!” If no human voice answers immediately, the arrow speeds on its way. Like a good hunter, Hamlet had shouted, “A rat!”

I rushed in to save Polonius’s reputation. “Polonius did speak. Hamlet heard him. But he thought it was the chief and wished to kill him to avenge his father. He had meant to kill him earlier that evening...”

I broke down, unable to describe to these pagans, who had no belief in individual after-life, the difference between dying at one’s prayers and dying “unhousell’d, disappointed, unaneled.”

This time I had shocked my audience seriously. “For a man to raise his hand against his father’s brother and the one who has become his father—that is a terrible thing. The elders ought to let such a man be bewitched.”

I nibbled at my kola nut in some perplexity, then pointed out that after all the man had

tas, o homem matara o pai de Hamlet.

– Não – sentenciou o velho, falando menos para mim do que para os jovens que estavam sentados atrás dos anciãos. – Se o irmão de seu pai matou seu pai, você deve apelar para os companheiros de idade de seu pai; *eles* podem vingá-lo. Nenhum homem pode fazer uso de violência contra seus parentes mais velhos – . Outro pensamento o assaltou. – Mas se o irmão de seu pai fosse de fato suficientemente maldoso para enfeitiçar Hamlet e enlouquecê-lo, a história seria realmente boa, porque seria culpa dele o fato de Hamlet, tendo enlouquecido, ter perdido completamente a razão e estar pronto para matar o irmão de seu pai.

Houve um murmúrio de aprovação, *Hamlet* era de novo uma boa história para eles, mas não parecia mais a mesma história para mim. Pensando nas complicações de enredo e tema que viriam, perdi a coragem e decidi passar rapidamente por cima do terreno perigoso.

– O grande chefe – continuei – não ficou triste porque Hamlet matou Polônio. Isso lhe deu motivo para mandar Hamlet embora, com seus dois traiçoeiros companheiros de idade, com cartas para o chefe de uma terra distante, dizendo que Hamlet deveria ser assassinado. Mas Hamlet mudou a escrita dos papéis, de modo que o chefe matou seus companheiros de idade e não ele.

Deparei com um olhar cheio de reprovação que partia de um dos homens a quem eu havia dito que falsificação não detectável não era apenas imoral, mas estava além da capacidade humana. Desviei os olhos.

– Antes que Hamlet pudesse retornar, Laertes voltou para o funeral do pai. O grande chefe lhe disse que Hamlet havia matado Polô-

killed Hamlet's father.

"No," pronounced the old man, speaking less to me than to the young men sitting behind the elders. "If your father's brother has killed your father, you must appeal to your father's age mates: *they* may avenge him. No man may use violence against his senior relatives." Another thought struck him. "But if his father's brother had indeed been wicked enough to bewitch Hamlet and make him mad that would be a good story indeed, for it would be his fault that Hamlet, being mad, no longer had any sense and thus was ready to kill his father's brother."

There was a murmur of applause. Hamlet was again a good story to them, but it no longer seemed quite the same story to me. As I thought over the coming complications of plot and motive, I lost courage and decided to skim over dangerous ground quickly.

"The great chief," I went on, "was not sorry that Hamlet had killed Polonius. It gave him a reason to send Hamlet away, with his two treacherous age mates, with letters to a chief of a far country, saying that Hamlet should be killed. But Hamlet changed the writing on their papers, so that the chief killed his age mates instead."

I encountered a reproachful glare from one of the men whom I had told undetectable forgery was not merely immoral but beyond human skill. I looked the other way.

"Before Hamlet could return, Laertes came back for his father's funeral. The great chief told him Hamlet had killed Polonius.

nio. Laertes jurou matar Hamlet por causa disso, e porque sua irmã, Ofélia, ouvindo que seu pai havia sido morto pelo homem que ela amava, enlouqueceu e se afogou no rio.

— Você já se esqueceu do que lhe falamos?

O velho falava com um tom de desaprovção. — Ninguém pode se vingar de um louco; Hamlet matou Polônio em sua loucura. Quanto à garota, ela não apenas enlouqueceu, mas foi afogada. Apenas as bruxas podem fazer as pessoas se afogarem. A água, por si só, não pode machucar ninguém. É simplesmente algo que as pessoas bebem e em que se banham.

Comecei a ficar zangada: — Se vocês não gostam da história, eu vou parar.

O velho fez sinal para que os outros se aquietassem e colocou mais cerveja para mim.

— Você conta bem a história, e nós estamos ouvindo. Mas está claro que os anciãos de sua terra nunca lhe contaram o que a história realmente significa. Não, não interrompa! Acreditamos em você quando você fala que seus hábitos de casamento são diferentes, ou que são diferentes suas roupas e armas. Mas as pessoas são as mesmas em todos os lugares; portanto, sempre existem bruxas e somos nós, os anciãos, que sabemos como as bruxas atuam. Nós lhe falamos que era o grande chefe que queria matar Hamlet, e agora suas próprias palavras provam que estávamos certos. Quem eram os parentes homens de Ofélia?

— Ela só tinha o pai e o irmão.

Estava claro que eu perdera o controle de *Hamlet*.

— Certamente havia outros, muitos outros; isso também você deve perguntar aos seus

Laertes swore to kill Hamlet because of this, and because his sister Ophelia, hearing her father had been killed by the man she loved, went mad and drowned in the river."

"Have you already forgotten what we told you?"

The old man was reproachful. "One cannot take vengeance on a madman; Hamlet killed Polonius in his madness. As for the girl, she not only went mad, she was drowned. Only witches can make people drown. Water itself can't hurt anything. It is merely something one drinks and bathes in."

I began to get cross. "If you don't like the story, I'll stop."

The old man made soothing noises and himself poured me some more beer.

"You tell the story well, and we are listening. But it is clear that the elders of your country have never told you what the story really means. No, don't interrupt! We believe you when you say your marriage customs are different, or your clothes and weapons. But people are the same everywhere; therefore, there are always witches and it is we, the elders, who know how witches work. We told you it was the great chief who wished to kill Hamlet, and now your own words have proved us right. Who were Ophelia's male relatives?"

"There were only her father and her brother."

Hamlet was clearly out of my hands.

"There must have been many more; this also you must ask of your elders when you get

anciãos quando você voltar para sua terra. Pelo que você nos conta, como Polônio estava morto, deve ter sido Laertes quem matou Ofélia, embora eu não veja motivo para isso.

Nós tínhamos esvaziado um jarro de cerveja, e os velhos discutiam a questão com um interesse ligeiramente embriagado.

— O que o empregado de Polônio disse quando voltou?

Com dificuldade, recordei de Reinaldo e de sua missão. — Acho que ele não voltou antes de Polônio ter sido morto.

— Escute — disse o ancião — e vou lhe dizer como aconteceu e como sua história vai continuar, e então você poderá me dizer se estou certo. Polônio sabia que o filho se envolveria em problemas, e ele fez isso mesmo. Ele tinha muitas multas a pagar por brigas, dívidas e jogo. Mas ele só tinha duas maneiras de conseguir dinheiro rapidamente. Uma era casar a irmã imediatamente, mas é difícil encontrar um homem que esteja disposto a casar com uma mulher que é desejada pelo filho de um chefe. Pois, se o herdeiro do chefe cometer adultério com sua esposa, o que você pode fazer?

Apenas um tolo cria um caso com um homem que algum dia será seu juiz. Portanto, Laertes precisou tomar o segundo caminho: matou a irmã por meio de feitiçaria, afogando-a, para poder vender o corpo dela secretamente para as bruxas.

Levantei uma objeção: — Eles encontraram o corpo dela e o enterraram. Na verdade, Laertes pulou dentro da cova para ver a irmã mais uma vez... De forma que vocês podem ver que o corpo estava realmente lá. Hamlet, que acabara de voltar, pulou atrás dele.

— Que foi que eu lhes disse? — O ancião

back to your country. From what you tell us, since Polonius was dead, it must have been Laertes who killed Ophelia, although I do not see the reason for it."

We had emptied one pot of beer, and the old men argued the point with slightly tipsy interest. Finally one of them demanded of me.

"What did the servant of Polonius say on his return?"

With difficulty I recollected Reynaldo and his mission. "I don't think he did return before Polonius was killed."

"Listen," said the elder, "and I will tell you how it was and how your story will go, then you may tell me if I am right. Polonius knew his son would get into trouble, and so he did. He had many fines to pay for fighting, and debts from gambling. But he had only two ways of getting money quickly. One was to marry off his sister at once, but it is difficult to find a man who will marry a woman desired by the son of a chief. For if the chief's heir commits adultery with your wife, what can you do?"

Only a fool calls a case against a man who will someday be his judge. Therefore Laertes had to take the second way: he killed his sister by witchcraft, drowning her so he could secretly sell her body to the witches."

I raised an objection. "They found her body and buried it. Indeed Laertes jumped into the grave to see his sister once more—so, you see, the body was truly there. Hamlet, who had just come back, jumped in after him."

"What did I tell you?" The elder ap-

apelou para os outros – Laertes não pretendia boa coisa com o corpo da irmã. Hamlet o impediu, porque o herdeiro do chefe, como o chefe, não quer que qualquer outro homem fique rico e poderoso. Laertes ficaria furioso, porque teria matado a irmã sem obter nenhum benefício. Em nossa terra ele tentaria matar Hamlet por causa disso. Não foi isso o que aconteceu?

Mais ou menos – admiti. – Quando o grande chefe descobriu que Hamlet ainda estava vivo, encorajou Laertes a matar Hamlet e marcou uma briga de facões entre eles. Na luta os dois jovens foram feridos de morte. A mãe de Hamlet bebeu a cerveja envenenada que o chefe havia preparado para ele caso ele ganhasse a luta. Quando ele viu sua mãe morrer envenenada, Hamlet, morrendo, conseguiu matar o irmão do pai com seu facão.

– Estão vendo, eu estava certo – exclamou o ancião.

– Essa história foi muito boa – acrescentou o velho – e você a contou com muito poucos erros. Houve apenas mais um erro, bem no final. O veneno que a mãe de Hamlet bebeu destinava-se obviamente ao vencedor da luta, quem quer que fosse ele. Se Laertes tivesse ganhado, o grande chefe o teria envenenado, para que ninguém soubesse que ele tinha tramado a morte de Hamlet. Assim, também, ele não precisaria temer o feitiço de Laertes; é preciso ter um coração forte para matar a única irmã por meio de um feitiço.

– Algum dia – concluiu o velho, ajeitando a toga esfarrapada – você precisa nos contar mais histórias da sua terra. Nós, anciãos, vamos instruí-la sobre o verdadeiro significado delas, para que, quando você voltar para sua

pealed to the others. "Laertes was up to no good with his sister's body. Hamlet prevented him, because the chief's heir, like a chief, does not wish any other man to grow rich and powerful. Laertes would be angry, because he would have killed his sister without benefit to himself. In our country he would try to kill Hamlet for that reason. Is this not what happened?"

"More or less," I admitted. "When the great chief found Hamlet was still alive, he encouraged Laertes to try to kill Hamlet and arranged a fight with machetes between them. In the fight both the young men were wounded to death. Hamlet's mother drank the poisoned beer that the chief meant for Hamlet in case he won the fight. When he saw his mother die of poison, Hamlet, dying, managed to kill his father's brother with his machete."

"You see, I was right!" exclaimed the elder.

"That was a very good story," added the old man, "and you told it with very few mistakes." There was just one more error, at the very end. The poison Hamlet's mother drank was obviously meant for the survivor of the fight, whichever it was. If Laertes had won, the great chief would have poisoned him, for no one would know that he arranged Hamlet's death. Then, too, he need not fear Laertes' witchcraft; it takes a strong heart to kill one's only sister by witchcraft.

"Sometime," concluded the old man, gathering his ragged toga about him, "you must tell us some more stories of your country. We, who are elders, will instruct you in their true meaning, so that when you return to your own

terra, seus anciãos constatem que você não ficou sentada no meio do mato, mas sim no meio de gente que sabe coisas e que lhe ensinou sabedoria.

land your elders will see that you have not been sitting in the bush, but among those who know things and who have taught you wisdom.”

REFERÊNCIAS

- BOHANNAN, L. Shakespeare in the bush. In: **Natural History**, ago./set. 1966. Disponível em: <<http://nhmag.com/search.html?keys=bohannan&sitenbr=157877211&bgcolor=%23C7E0B0>>. Acesso em: 29 maio 2008.
- DERRIDA, J. O que é uma tradução “relevante”? Trad. de Olívia Niemeyer dos Santos. In: **Alfa**, São Paulo: UNESP, 44, 2000, p. 13-44.
- HAMILTON, R. Bushmen don’t understand Shakespeare, conferência *online* 24 set. 1992. In: **Shaksper** - the global electronic Shakespeare conference. Disponível em: <<http://www.shaksper.net/archives/2002/1963.html>>. Acesso em: 29 maio 2008.
- SPRADLEY, J. P.; MCCURDY, D. W. (eds.) **Conformity and Conflict: Readings in Cultural Anthropology**. Boston: Little Brown and Company, 10. ed., 1999.
- VENUTI, L. Translation, community, utopia. In: VENUTI, L (ed.) **The translation studies reader**. New York-London: Routledge, 2004, p. 482-502.